



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL - CCBa  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS

ISAQUE DO NASCIMENTO FERNANDES

**ATRIBUIÇÃO DE PAPÉIS SEMÂNTICOS A ARGUMENTOS EXTERNOS DA  
ESTRUTURA DA SENTENÇA: proposta de experimento de percepção linguística**

ISAQUE DO NASCIMENTO FERNANDES

**ATRIBUIÇÃO DE PAPÉIS SEMÂNTICOS A ARGUMENTOS EXTERNOS DA  
ESTRUTURA DA SENTENÇA: proposta de experimento de percepção linguística**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Letras - Português da  
Universidade Federal do Maranhão, no Centro de  
Ciências de Bacabal (CCBa), como requisito para  
obtenção do título de graduado em Licenciatura em  
Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Wendel Silva dos Santos

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Fernandes, Isaque do Nascimento.

ATRIBUIÇÃO DE PAPÉIS SEMÂNTICOS A ARGUMENTOS EXTERNOS  
DA ESTRUTURA DA SENTENÇA : proposta de experimento de  
percepção linguística / Isaque do Nascimento Fernandes. -  
2025.

52 p.

Orientador(a): Wendel Silva dos Santos.

Monografia (Graduação) - Curso de Letras - Português,  
Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2025.

1. Sociolinguística Variacionista. 2. Papéis  
Semânticos. 3. Percepção Linguística. 4. Experimento  
Linguístico. I. Santos, Wendel Silva dos. II. Título.

ISAQUE DO NASCIMENTO FERNANDES

**ATRIBUIÇÃO DE PAPÉIS SEMÂNTICOS A ARGUMENTOS EXTERNOS DA  
ESTRUTURA DA SENTENÇA: proposta de experimento de percepção linguística**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Letras - Português da  
Universidade Federal do Maranhão, no Centro de  
Ciências de Bacabal (CCBa), como requisito para  
obtenção do título de graduado em Licenciatura em  
Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Wendel Silva dos Santos

Aprovado em 12 de março de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Wendel Silva dos Santos (UFMA)  
**Orientador**

---

Prof. Dr. Luís Henrique Serra (UFMA)  
**Avaliador interno**

---

Prof. Me. João Vitor Cunha Lopes (UEMA)  
**Avaliador externo**



*“Você pode, você deve e, se tomar coragem para começar, você vai”*  
(Stephen King)

## **AGRADECIMENTOS**

O caminho percorrido até aqui foi longo, árduo, mas também muito gratificante. A realização deste trabalho só foi possível graças ao apoio e carinho de pessoas incríveis, das quais sou imensamente grato.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me sustentado e permitido que eu chegasse até aqui, por me ajudar em todos os momentos desafiadores e nos obstáculos durante a vida e o caminho da graduação. Sem Ele, nada disso seria possível.

Aos meus pais, pelo apoio em todos os momentos até aqui. Sempre fizeram todo o possível para que eu alcançasse meus sonhos. Obrigado pelos conselhos e orações, vocês são minha base e me ajudaram de tantas maneiras que nem imaginam.

Ao meu orientador, professor Wendel Santos, por ter me apresentado a temática em uma aula de Sintaxe, por ter acreditado em mim e, mais tarde, me acolhido no Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística (GEPeS). Sou eternamente grato pelos seus ensinamentos, conselhos, paciência, todo o apoio e suporte durante essa trajetória.

Aos meus professores da UFMA, por me guiarem pelo caminho das Letras. Ao professor Luís Henrique e à professora Lucélia, pelos ricos conselhos e contribuições para minha jornada acadêmica e para este trabalho. Agradeço imensamente pelo apoio, carinho e indicações.

Aos meus colegas de curso, que trilharam esse caminho da graduação junto comigo. Compartilhamos os desafios, risadas e boas experiências. Especialmente, gostaria de agradecer aos meus amigos: à Caliane, que desde o início tem sido uma ótima ouvinte, companheira, amiga e, como ela diz, nos metido em várias loucuras. Ao Thiago, à Rahilda e à Fernanda, pelos momentos de descontração e por todo o apoio de vocês. Sou muito grato, galera.

À Alice, grande amiga que me acompanha desde o ensino médio e sempre está disponível para ouvir meus desabafos, me arrancar boas risadas e que não mede esforços para me dar uma palavra de conforto e incentivo todas as vezes que preciso.

Por fim, mas não menos importante, a todos os que aceitaram participar deste estudo e dedicaram um tempinho para responder ao questionário. Sem vocês, esta pesquisa não seria possível. A todos os que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho. Muito obrigado!

## RESUMO

O estudo de atribuição de papéis semânticos, no português brasileiro, é recorrentemente estudado pelo gerativismo (Sousa, 2015; Mito, Silva e Lopes, 2013), mas ainda são menos numerosas as pesquisas sobre esse tipo de atribuição a partir de uma análise funcionalista e/ou sociolinguística. Este trabalho busca analisar, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008[1972]; Eckert, 2012), a restrição de fatores sociais e linguísticos na atribuição de papéis semânticos por falantes/ouvintes do português brasileiro. Parte-se, portanto, do argumento de Camacho (1999, p. 152), de que esse fenômeno passa tanto pela “relevância da estrutura sintática e semântica” quanto pela “relevância do processo interativo-comunicacional” ao qual os falantes estão submetidos. Desse modo, esta pesquisa de percepção linguística, buscou acessar a compreensão de falantes/ouvintes acerca da função de atribuição de papéis semânticos a argumentos externos da sentença. Principalmente, interessou verificar se esses mesmos falantes/ouvintes atribuem facilmente, a essa sentença, os significados de agente, experienciador, tema e causa que aparecem na posição sintática de sujeito da oração. O experimento foi feito a partir de trechos extraídos de episódios da série *The Big Bang Theory*, contendo diversas sentenças traduzidas para o português brasileiro, cujo conteúdo apresenta os tipos de papéis semânticos elencados por Cançado (2023). Essas sentenças foram submetidas à avaliação de ouvintes/falantes do português, através de um formulário on-line. Os dados coletados foram submetidos à plataforma R Core Team (Core Team, 2024), uma linguagem de programação capaz de gerar dados estatísticos. Os resultados mostraram que os papéis semânticos de agente, tema e causa apresentaram relações significativas, principalmente, quanto à faixa etária e escolaridade de diferentes grupos, reforçando seu aspecto semântico. No entanto, ainda há limitações que podem se tornar o foco de estudos futuros. Por fim, este trabalho contribui para os estudos de percepção linguística de variáveis gramaticais e faz discussões para mostrar as relações entre os aspectos sintático-semânticos do português brasileiro.

**Palavras-chave:** Sociolinguística Variacionista, papéis semânticos, percepção linguística, experimento linguístico.

## ABSTRACT

The study of semantic role assignment in Brazilian Portuguese is recurrently studied from a generative perspective (Sousa, 2015; Mioto, Silva and Lopes, 2013), but research on this type of assignment from a functionalist and/or sociolinguistic analysis remains less common. This work aims to analyze, based on the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008[1972]; Eckert, 2012), the restriction of social and linguistic factors in the assignment of semantic roles by speakers/listeners of Brazilian Portuguese. It is based on Camacho's (1999, p. 152) argument that this phenomenon involves both the "relevance of syntactic and semantic structure" and the "relevance of the interactive-communicative process" to which speakers are exposed. Thus, this linguistic perception research sought to access the understanding of speakers/listeners regarding the function of assigning semantic roles to external arguments of the sentence. It mainly aimed to verify whether these same speakers/listeners easily assign the meanings of agent, experiencer, theme, and cause to the subject position of the sentence. The experiment was conducted using excerpts from episodes of the series *The Big Bang Theory*, containing various sentences translated into Brazilian Portuguese, whose content includes the types of semantic roles listed by Cançado (2023). These sentences were submitted to the evaluation of Portuguese speakers/listeners through an online form. The data collected were analyzed using the R Core Team platform (Core Team, 2024), a programming language capable of generating statistical data. The results showed that the semantic roles of agent, theme, and cause presented significant correlations, mainly in relation to the age range and education level of different groups, reinforcing their semantic aspect. However, there are still limitations that may become the focus of future studies. Finally, this work contributes to studies on the linguistic perception of grammatical variables and engages in discussions to highlight the relationships between the syntactic-semantic aspects of Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Variationist Sociolinguistics, semantic roles, linguistic perception, linguistic experiment.

## SUMÁRIO

|                                                     |           |
|-----------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                              | <b>13</b> |
| <b>1. A SOCIOLINGUÍSTICA.....</b>                   | <b>17</b> |
| <b>2. PAPÉIS SEMÂNTICOS.....</b>                    | <b>26</b> |
| 2.1. Estudo descritivo sobre papéis semânticos..... | 31        |
| <b>3. DESENHO DO EXPERIMENTO.....</b>               | <b>33</b> |
| <b>4. RESULTADOS.....</b>                           | <b>38</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                    | <b>44</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>              | <b>46</b> |
| <b>APÊNDICE.....</b>                                | <b>49</b> |

## **Lista de Tabelas**

|                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------|----|
| <b>Tabela 1</b> - Termos da oração.....                   | 26 |
| <b>Tabela 2</b> - Valores de P das variáveis sociais..... | 40 |

## Lista de Figuras

|                                                                                                                                                                                        |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1</b> - Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo no cruzamento entre Faixa Etária e (a) Região de Residência; (b) Nível de Escolaridade; e (c) Classe Social..... | 20 |
| <b>Figura 2</b> - Nuvem de palavras baseada nas principais impressões e avaliações dos ouvintes.                                                                                       | 24 |
| <b>Figura 3</b> - Primeira Parte do Formulário de Percepção.....                                                                                                                       | 24 |
| <b>Figura 4</b> - Trecho 1: Agente.....                                                                                                                                                | 34 |
| <b>Figura 5</b> - Trecho 2: Tema.....                                                                                                                                                  | 34 |
| <b>Figura 6</b> - Trecho 3: Causa.....                                                                                                                                                 | 35 |
| <b>Figura 7</b> - Trecho 4: Experienciador estado mental.....                                                                                                                          | 36 |
| <b>Figura 8</b> - Trecho 5: Experienciador psicológico.....                                                                                                                            | 36 |

## Lista de Gráficos

|                                                        |    |
|--------------------------------------------------------|----|
| <b>Gráfico 1</b> - Sexo/gênero dos participantes.....  | 38 |
| <b>Gráfico 2</b> - Faixa etária dos participantes..... | 38 |
| <b>Gráfico 3</b> - Escolaridade dos participantes..... | 39 |
| <b>Gráfico 4</b> - Agente/Escolaridade.....            | 40 |
| <b>Gráfico 5</b> - Agente/Faixa etária.....            | 41 |
| <b>Gráfico 6</b> - Tema/Faixa etária.....              | 42 |
| <b>Gráfico 7</b> - Causa/Faixa etária.....             | 43 |



## INTRODUÇÃO

Este trabalho de variação linguística (Weinreich, Labov; Herzog, 2006[1968]) coaduna-se a um conjunto de trabalhos que vêm se interessando pelo papel do ouvinte nas avaliações e percepções de formas linguísticas (Campbell-Kibler, 2006; Mendes, 2018; Santos, 2023; Lopes; Santos, 2024), e tem como objetivo acessar a percepção linguística de maranhenses quanto a atribuição de papéis semânticos (Jackendoff, 1983; 1990; Larson & Segal, 1995) a sentenças extraídas da *sitcom The Big Bang Theory*. Especificamente, busca compreender se os falantes reconhecem o significado dos papéis semânticos de *agente*, como (1)<sup>1</sup> *Maria* escreveu uma carta; *experienciador*, (2) *Pedro* ama *Maria*; *tema*, (3) *O bolo* esfriou; *causa*, como em (4) *a chuva* cancelou o jogo; entre outros, a sentenças do português brasileiro, e se há variação no tipo de atribuição de papel semântico, a depender de fatores extralinguísticos, como grau de escolaridade e sexo/gênero dos falantes/ouvintes. Isso parte da premissa de que “os falantes nativos de uma língua têm algumas intuições sobre as propriedades de sentenças e de palavras e a maneira como essas sentenças e palavras se relacionam” na sentença (Cançado, 2023, p. 23), mas que, ao mesmo tempo, as visões particulares de mundo, a que cada indivíduo está submetido, podem levar a um fenômeno de variação na tarefa de atribuição de papel temático por esses mesmos falantes/ouvintes. Em outras palavras, distancia-se da noção gramatical prescritivista da noção de sujeito da oração, e atrela-se mais à compreensão, portanto, semântica, de que os falantes de uma determinada língua possuem uma capacidade inata variável para atribuir, por meio de processos avaliativos e perceptuais, funções exercidas pelos constituintes em uma dada sentença realizada.

Papéis semânticos são entendidos, aqui, como um papel dentro da sentença, atribuído aos argumentos da sentença a partir da “relação de sentido que o verbo estabelece com seu sujeito e com seu complemento” (Cançado, 2023, p. 70) e que, como um mesmo verbo pode atribuir diferentes papéis semânticos ao argumento, os falantes/ouvintes podem variar no processo de atribuição desses papéis semânticos. Cançado (2023) explica que a atribuição de diferentes papéis semânticos para um mesmo argumento pode levar a interpretações distintas (ambiguidades) na compreensão das sentenças, podendo, argumenta-se aqui, levar a processos de variação na compreensão e na atribuição desses papéis semânticos, pelos ouvintes.

Os componentes da avaliação e da percepção linguística, por sua vez, são aqui entendidos como “um aspecto essencial da pesquisa que conduz a uma explicação da mudança” linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968], p. 103), já que podem explicar

---

<sup>1</sup> Os exemplos (1), (2), (3) e (4) foram elaborados pelo autor.

facilmente as associações que os falantes/ouvintes de uma língua fazem entre uma forma linguística e categorias sociais.

Embora aparentemente semelhantes, os termos avaliação linguística e percepção linguística são tomados distintamente no trabalho que aqui se propõe. Segue as orientações de Oushiro (2015, p. 32), que explica que a avaliação linguística se refere “ao discurso metalinguístico dos falantes sobre variantes, o que constitui um objeto de estudo por si só”, enquanto a percepção linguística estaria mais interessada em analisar as “inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante, que podem ou não ser conscientes”. A autora acrescenta que análises baseadas em avaliação linguística revelam o quão automáticas e sistemáticas são as associações feitas pelos falantes/ouvintes no correlato entre a forma linguística e o significado funcional ou social atribuído a essa forma.

A atribuição de papéis semânticos tem sido amplamente estudada pela teoria gerativa (Chomsky, 2015[1957]) como um recurso da gramática das línguas naturais. Um dos únicos trabalhos que analisam esse fenômeno fora do escopo dessa área de estudos é o de Camacho (1999), que examinou a atribuição de funções semânticas e funções sintáticas em relação a fatores pragmáticos tendo como base os dados do Projeto Gramática do Português Falado. Na ocasião, o autor verificou que, dentre as 916 sentenças analisadas, a hierarquia das funções semânticas era, majoritariamente, ocupada pela função de agente (75,5% do total de dados), seguida da função de referência (4,0%), locativo (3,5%) e direção (3,0%).

Este trabalho pretende se alinhar à proposta de Camacho, ainda que do ponto de vista sociolinguístico, uma vez que entende, como esse autor, que há uma relação mútua entre os módulos da gramática dos falantes, e, acrescenta-se, aqui, a reciprocidade entre as variáveis intra e extralinguísticas envolvidas na produção, avaliação e percepção dessas mesmas formas, e a restrição de variáveis sociais na análise de fenômenos estritamente estruturais.

Além desse, projeta-se outro desafio para esta proposta de trabalho: analisar, por meio da teoria da variação e da mudança linguística, uma variável gramatical.

Oushiro (2011), que examinou a realização variável de interrogativas-Q, a exemplo de *onde que você mora?*, *onde você mora?* e *onde é que você mora?*, afirma que, para a análise de variáveis morfossintáticas, a máxima laboviana para a noção de variantes de uma variável (o mesmo valor referencial para duas formas distintas) é especialmente complexa. Isso se deve ao fato de que nem sempre se pode tratar esse tipo de fenômeno como equivalentes semânticos pelas variantes, dada a escassez de dados de variáveis no nível gramatical, além da definição do envelope de variação e a frequente falta de correlação entre variáveis no nível sintático da língua e fatores sociais, já que se tratam de fenômenos em

variação que não são atravessados pela avaliação social, justificado, por sua vez, pelo fato de que estão abaixo do nível de consciência sociolinguística dos falantes (Labov, 2001; Labov et al, 2011). Associada a essa discussão, Labov (1993) acrescenta, ainda, que os falantes avaliam formas mais superficiais da língua, mas não características assentadas no nível sintático da gramática.

Assim, este trabalho se propõe a discutir essa afirmação de Labov, ao propor a percepção linguística de falantes/ouvintes quanto a atribuição de papéis semânticos a sentenças do português brasileiro, por meio do modelo de pressuposição dos falantes (Stalnaker, 2002), que propõe um modelo de análise de variantes de uma variável diante de um “mesmo estado de coisas”, e da proposta de competência comunicativa dos falantes de Hymes (1991 [1979]), para a definição do envelope de variação da pesquisa, no sentido de que as formas linguísticas coocorrentes são consideradas variantes de uma mesma variável quando cumprem os seguintes critérios: i) são possíveis de ocorrer no mesmo contexto comunicativo; ii) são factíveis; iii) são apropriadas e podem ser empregadas em um mesmo conjunto de contextos (Oushiro, 2011). Esta pesquisa alinha-se a um conjunto de trabalhos que vem se dedicando à análise de produção e percepção de variáveis gramaticais (Oushiro, 2011; Mendes, 2018; Santos, 2020) e traz, portanto, contribuições teórico-metodológicas para o recente grupo de pesquisadores que se ocupam em estudar, à luz da teoria da variação e mudança (Weinreich, Labov, Herzog (2006[1968]; Labov (2008[1972])), variáveis gramaticais no português brasileiro.

Este trabalho objetiva acessar, por meio de um experimento linguístico (detalhado no Capítulo 3), a intuição de falantes/ouvintes do português, no que diz respeito à capacidade inata de atribuição de papéis semânticos a sentenças extraídas do seriado *The Big Bang Theory*, exibido em português.

Busca-se verificar, especificamente, se falantes/ouvintes do português brasileiro atribuem, segundo os exemplos de Cançado (2023)<sup>2</sup>, as funções de

- *agente*, o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle: (5) *O João* lavou o carro;
- *experienciador*, ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico: (6) *O João* pensou na Maria;
- *tema*, a entidade deslocada por uma ação: (7) *A bola* atingiu o alvo; e
- *causa*, o desencadeador de alguma ação, sem controle: (8) *As provas* preocupam Maria;

---

<sup>2</sup> As definições e os exemplos aqui citados de (5) a (8) foram extraídos de Cançado (2023, p. 127-128).

a sentenças traduzidas do PB.

Além disso, pretende-se verificar se há diferenças na atribuição de papéis semânticos, a depender de categorias sociais de falantes/ouvintes, como sexo/gênero, escolaridade e idade. Busca-se verificar, a partir de análise estatística feita com o R (R Core Team, 2024), quais fatores linguísticos e extralinguísticos regulam a atribuição desses papéis semânticos pelos falantes/ouvintes participantes da pesquisa.

Por fim, mas não menos importante, objetiva-se discutir processos de variação e mudança em variáveis gramaticais, considerando o fato de que o fenômeno em tela tem sido analisado à luz da teoria gerativa (Chomsky, 2015[1957]), e que Labov (1993) e Labov et al (2011) afirmam que variáveis gramaticais não estão disponíveis para avaliação por parte dos falantes de uma comunidade de fala.

Este trabalho de conclusão de curso está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo, portanto, intitulado *A Sociolinguística*, trará uma breve contextualização acerca da Sociolinguística, incluindo o interesse dessa área sobre a pesquisa acerca da percepção linguística.

No segundo capítulo, nomeado de *Papéis Semânticos*, serão feitas discussões acerca da teoria dos papéis semânticos. Tal capítulo, embasa-se em teóricos como Camacho (1999), Miotto, Silva e Lopes (2013), Cançado (2023) e outros. É neste capítulo, também, que é feita a apresentação de pesquisas que se detém à descrição da atribuição de papéis semânticos. Aqui, são apresentados trabalhos de diferentes autores, mas com temáticas semelhantes que servirão para fins de comparação com o trabalho que aqui se desenvolve.

Em seguida, o terceiro capítulo trará todos os aspectos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento da presente pesquisa. Por fim, o quarto capítulo é composto por todos os resultados obtidos ao longo da pesquisa, seguido da apresentação das referências que subsidiam teórica e metodologicamente este trabalho.

## 1. A SOCIOLINGUÍSTICA

Esta pesquisa está embasada em uma área de grande interesse para os estudos linguísticos denominada de Sociolinguística. Ela, por sua vez, é uma das áreas que busca analisar a relação entre língua e sociedade (Coelho *et al.* 2023) e teve William Labov como fundador e um dos principais estudiosos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística na atualidade. A Sociolinguística Variacionista parte do princípio de que a língua possui variações, portanto, não é algo estático e homogêneo, mas que está em constante mudança (Labov, 2008 [1972]). É, portanto, alinhado a essa questão que este trabalho se desenvolve.

Antes disso, é necessário enfatizar a importância de outra pesquisadora para os estudos variacionistas: Eckert (2012). Ela propõe fazer uma divisão quanto às práticas de estudos da Sociolinguística, classificando-a em três “ondas” (Coelho *et al.* 2023). Vale ressaltar que a autora faz essa “separação” para o melhor entendimento do funcionamento de cada uma delas, no entanto, isso não implica dizer que as ondas funcionam separadamente, mas que cada uma complementa a outra.

Sabendo disso, a primeira onda é marcada pelo estudo da variação com relação a fatores externos ao indivíduo (macrocategorias sociais como gênero, idade e classe social). Um exemplo disso é o famoso estudo de Labov em lojas de departamento dos EUA, em que o pesquisador analisou o /r/ pós-vocálico e estabeleceu padrões gerais relacionados aos fatores sociais externos supracitados. Nele, Labov (2008 [1972]) selecionou três lojas que atendiam a públicos de diferentes camadas sociais e observou que, ao pedir informações sobre o “*Fourth floor*” (“Quarto andar”), os funcionários das lojas de maior *status* tendem a pronunciar mais o /r/ pós-vocálico do que as lojas de menor *status*. Com isso, o estudo apontou uma relação entre a variação linguística e a estratificação social dos falantes nova-iorquinos, portanto, destacando a importância dessa categorização para os estudos variacionistas, além de proporcionar um significativo avanço para a Linguística, de modo geral.

A segunda onda buscou aprofundar a relação do indivíduo e as categorias sociais de uma maneira mais ampla, considerando as categorias que estão envolvidas na variação e como esse fenômeno se mostra na interação entre os indivíduos. Coelho *et al.* (2023) citam o caso de Martha’s Vineyard, nos EUA, como exemplo dessa onda. Na ocasião, Labov realizou um estudo das variantes dos ditongos /ay/ e /aw/, como em *right* e *house*<sup>3</sup>, respectivamente, entre os falantes de partes diferentes da ilha, tanto urbana quanto rural. O estudo indicou que as diferentes pronúncias relacionadas a elementos como identidade e atitude dos falantes não

---

<sup>3</sup> Exemplos de Coelho *et al.* (2023).

estão associadas unicamente a fatores internos da língua, mas em maior parte, a questões externas. Isso vai de acordo com o fato de que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (Labov, 2008 [1972], p. 21), pois o estudo não considerou apenas o fator socioeconômico dos falantes, mas também apontou relações de identidade étnica.

Outro exemplo disso é o estudo de Eckert (2012) que, ao analisar a variável do ditongo /ay/, mostrou diferentes realizações a depender de valores sociais distintos associados a determinados grupos. O estudo contou com 49 adolescentes brancos em uma escola pública suburbana dos EUA e analisou dados de fala de dois grupos, identificados pela autora como *jocks* e *burnouts*. Ambos possuem a mesma escolaridade. Os *jocks* pertenciam à classe média e os *burnouts*, à classe trabalhadora. A pesquisa mostrou que os alunos da classe trabalhadora lideraram as mudanças linguísticas, refletindo o seu contexto social mais urbano; eram “descolados” e se identificavam com características do meio urbano em que viviam, além de rejeitarem a cultura escolar. Por outro lado, os alunos de classe média mantinham-se mais próximos da norma padrão, tendo em vista que prezavam pela vida acadêmica, vinham de famílias com poder aquisitivo superior e participavam ativamente das atividades escolares. Todo esse contexto contribuiu para a distinção desses grupos e para reforçar suas próprias identidades.

Como se observa, a primeira onda focaliza a relação da variação com a estratificação dos falantes de uma maneira mais abrangente. A segunda faz um recorte menor, que destaca situações específicas em contextos e grupos menores, analisando a variação com base em mais fatores sociais e mais localmente definidos. Um pouco diferente das duas anteriores, terceira onda — que interessa mais para este trabalho —, por sua vez, não se detém apenas aos aspectos sociais de um modo geral, mas busca compreender mais especificamente os fenômenos linguísticos que estão presentes nas relações dos indivíduos. Conforme discute em sua dissertação, Lopes (2023) afirma que os estudos de avaliação e percepção passaram a ter mais notoriedade dentro da sociolinguística a partir da perspectiva da terceira onda, mesmo que ainda tenhamos poucos trabalhos sobre isso.

Eckert (2012) aponta que a terceira onda se diferencia da primeira e da segunda, uma vez que as duas primeiras, ainda que trabalhem com aspectos sociais, focam em categorias aparentemente estáticas, analisando os fenômenos como uma consequência desses fatores. A terceira onda, entretanto, busca analisar de uma maneira mais profunda, focando na variação como “sistema complexo de significados sociais” (Coelho *et al.* 2023, p. 69) dentro de comunidades para a construção de estilos identitários.

Para mostrar isso, Eckert (2012) discute que a terceira onda busca analisar a variação não mais apenas como reflexo de identidades próprias de um grupo ou de categorias sociais marcantes, mas trouxe a noção de que os falantes podem estar diretamente envolvidos no fenômeno de variação através de práticas estilísticas. A pesquisadora adota uma perspectiva que discorda de que os marcadores sociais possuem significados fixos e para essa constante mudança, ela nomeia de “*indexical mutability*” (“mutabilidade indexical”). Isso implica dizer, por exemplo, que uma variante pode surgir em um grupo específico, mas se espalhar por outros grupos tomando significados totalmente distintos. A autora traz um exemplo bastante conhecido que se trata da aspiração do /t/ intervocálico como recurso estilístico na fala de garotas *geek*, judeus ortodoxos e homens gays. Em todos esses casos, o traço da fala aponta diferenças a depender do contexto de cada um.

Salienta-se, aqui, que as ondas da sociolinguística não se restringem apenas à análise da variação na produção linguística, mas importa saber como os falantes avaliam e percebem essas variações. Assim, há três instâncias fundamentais (produção, avaliação e percepção) que podem se relacionar de algum modo aos estudos variacionistas.

Os estudos de produção são caracterizados, por exemplo, por formas linguísticas utilizadas por determinados falantes em diferentes contextos e situações. Soriano (2016) cita exemplos de estudos feitos por Mendes (2010), Mendes e Oushiro (2011) e Oushiro (2015), que analisaram as produções envolvendo o /-r/ na cidade de São Paulo.

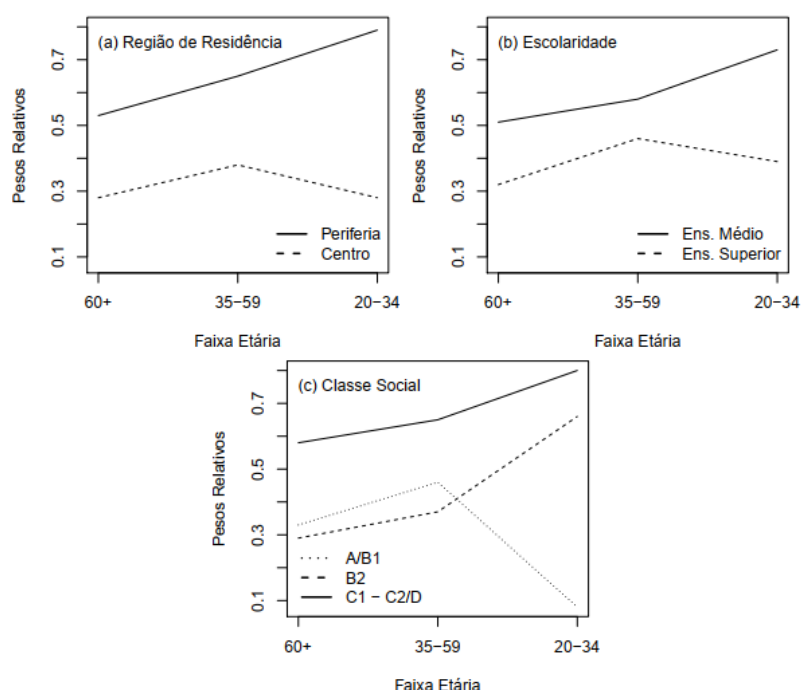
O primeiro, estratificou os informantes de acordo com categorias como sexo/gênero, três faixas etárias e níveis de escolaridade diferentes. Ele analisou a fala de um grupo de informantes das regiões centrais da cidade de São Paulo e que tinham certa identidade com o estilo de vida característico da metrópole. O estudo apontou que o retroflexo apresentava uma taxa de 12% e maior possibilidade de mudança entre os mais jovens sobre a realização do tepe quando comparado com os falantes mais velhos.

O segundo estudo buscou aprofundar essa perspectiva analisando um escopo maior de informantes, também da cidade de São Paulo, mas desconsiderou o aspecto de identidade paulistana. O resultado, conforme apontado por Soriano (2016), foi um aumento da taxa de retroflexo que não mostrou diferenças significativas entre as faixas etárias.

Por fim, o terceiro estudo, realizado por Oushiro (2015), se baseou nas pesquisas anteriores e elevou ainda mais a amostra dos participantes, bem como acrescentou mais um fator de estratificação. A autora realizou entrevistas sociolinguísticas acrescentando o fator de Local de Residência, que não se mostrou tão decisivo quanto à taxa de variação. Por isso, foi preciso considerar outros aspectos para entender as diferenças: Mobilidade Geográfica dos

falantes na cidade, Local de Origem dos Pais e Classe Social. O estudo mostrou que o local de residência dos falantes é um dos fatores que mostra que o retroflexo é mais utilizado por grupos que costumam permanecer no mesmo local durante toda a vida. Isso também implica dizer que os indivíduos de classes mais baixas e com menor escolaridade privilegiam o uso dessa variante, enquanto as classes mais altas tendem a evitá-la. Além disso, filhos de pais nordestinos, segundo a autora, tendem a fazer mais o uso do retroflexo em comparação a grupos de migrantes de outros estados, como interior de São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Uma das hipóteses levantadas por ela é que esse grupo tende a pertencer às classes mais baixas em razão do nível de escolaridade inferior em relação a uma parcela da população. Esses três fatores são apontados na Figura 1.

**Figura 1** - Pesos relativos referentes ao emprego de retroflexo no cruzamento entre Faixa Etária e (a) Região de Residência; (b) Nível de Escolaridade; e (c) Classe Social



Fonte: extraído de Oushiro (2015, p. 115)

Ao mostrar o cruzamento dos dados das três pesquisas, Soriano (2016) destacou que o tepe é valorizado por indivíduos de classes mais altas, enquanto o retroflexo reflete o uso mais comum em camadas sociais mais baixas, habitantes de bairros periféricos e pessoas menos escolarizadas. Além desses, também podemos retomar o estudo de Labov sobre a estratificação do /r/ nas lojas de departamento em Nova York como outro exemplo de trabalho de produção sociolinguística.



Os estudos de avaliações e percepções compõem uma gama de trabalhos que são mais frequentemente desenvolvidos sob os critérios do que se chama de “terceira onda” e, conforme introduzido no início deste trabalho, podem ser confundidos como termos semelhantes. Entretanto, Oushiro (2015, 2021, p. 321) faz uma distinção entre eles e destaca que, segundo o que Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) argumentam em seu trabalho, os estudos de avaliação estão relacionados ao “interesse sobre a compreensão de como se dá a mudança linguística”. Oushiro (2021, p. 326) aponta que

o termo *avaliação* é entendido como o discurso metalinguístico explícito dos indivíduos sobre variantes, variedades e línguas – como dizer que a concordância não padrão é “feia” e “errada”--, enquanto as *percepções* dizem respeito às reações subjetivas e às inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante, o que pode ou não ser consciente (grifos da autora).

Os estudos de avaliação sociolinguística, por exemplo, estão relacionados à avaliação que os falantes fazem quanto aos traços característicos em falas de diferentes grupos sociais. Desse modo, o presente trabalho segue essa distinção trazida pela autora.

Entretanto, as discussões de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) já apontavam para cinco questões que a Teoria da Variação e da Mudança teve de responder. Entre elas está o Problema da Avaliação, que diz respeito à subjetividade e consciência do falante com relação aos fenômenos de variação. Estas são divididas em dois níveis, segundo Coelho *et. al.* (2023): avaliação linguística e avaliação social.

A primeira está relacionada à gama de opções disponíveis que um falante tem para expressar uma determinada informação de acordo com sua própria consciência linguística. O falante pode julgar quais usos linguísticos são adequados ou não para o contexto em que está inserido. Coelho *et. al.* (2023) exemplificam essa situação utilizando a construção de “vou ir” que, para algumas situações, os falantes podem empregar essa opção com a ideia de futuro, assim como *vou sair* e *vou vender* e em outras situações, assume uma dupla ideia de “ir”. O falante pode aceitar a primeira opção e rejeitar a segunda por achá-la “redundante”.

A avaliação social pode ser observada no comportamento de falantes de certos grupos sociais com relação aos usos das formas linguísticas. É, portanto, a partir daí que surgem os conceitos de indicador, marcador e estereótipos (Labov, 2008 [1972]), relacionados ao grau que o falante tem a respeito das mudanças linguísticas. Os indicadores são variáveis que podem iniciar abaixo do nível de consciência e, por isso, não sofrem avaliações do grupo; os marcadores, ao contrário dos indicadores, podem sofrer avaliações do grupo mesmo que

estejam abaixo do nível de consciência, motivadas, por exemplo, por fatores estilísticos; e os estereótipos, geralmente atribuídos a reações negativas, são facilmente identificados pelos falantes, como os casos de concordância verbal e nominal que diferem da norma padrão (Lopes, 2023). Vale ressaltar que o estigma dos falantes pode acelerar ou retardar o processo de variação e mudança com base na aceitação ou não de formas linguísticas.

Dos estudos que abordam avaliação sociolinguística, optamos por destacar, brevemente, alguns trabalhos. Oushiro (2015, p. 08) também estudou a fala de paulistanos na perspectiva da avaliação e percepção. A partir de entrevistas (mencionadas anteriormente), a autora estratificou o perfil dos informantes para verificar como se dá a avaliação dos falantes quanto às formas de

/e/ nasal como monotongo [ẽ] ou ditongo [ẽj] (como em fazenda); a pronúncia de /r/ em coda silábica como tepe [R] ou retroflexo [õ] (como em porta); a concordância nominal de número (como em as casas/as casa); e a concordância verbal de primeira e de terceira pessoa do plural (como em nós fomos/nós foi, eles foram/eles foi).

Semelhantemente, o trabalho de Lopes (2023) estudou a avaliação dos falantes ludovicenses e bacabalenses a partir do discurso de que os maranhenses falam a melhor variedade do português brasileiro. A pesquisa focou na variável linguística *pronomes pessoais de segunda pessoa do singular*, especialmente os pronomes “tu” e “você”, já que este está em relativa ascensão e aquele é considerado bastante usual entre os falantes maranhenses, especialmente ludovicenses. O trabalho se propõe a analisar os metacomentários dos participantes e captá-los para a formação de uma nuvem de palavras, assim como Oushiro.

Por último, convém falarmos sobre os trabalhos de percepção. Os estudos que seguem essa perspectiva no âmbito da Sociolinguística, buscam verificar como os falantes reagem subjetivamente de forma inconsciente ou não ao associar significados sociais a falas de outros indivíduos que apresentam determinadas formas linguísticas. Sobre isso, Oushiro (2015) afirma que estamos sempre fazendo inferências sobre as pessoas que ouvimos, e isso é um fenômeno tão natural que pode passar despercebido. É, portanto, por essa razão que se faz necessário uma estruturação dessas reações.

A autora cita o trabalho de Pear (1931, *apud* Campbell-Kibler, 2006; Oushiro, 2015) como um dos pioneiros a buscar essa organização das inferências dos falantes acerca das formas linguísticas. Ele pediu para que ouvintes da BBC julgassem os perfis de várias vozes escutadas na rádio e comparou com as impressões de pessoas próximas dos falantes. Ele então

constatou que havia diferenças significativas e que, embora tenha falhado em alguns aspectos, o estudo abriu caminho para muitos outros trabalhos de percepção.

Décadas depois, a proposta metodológica sobre *estímulos pareados* de Lambert *et al.* (1960) revolucionou os estudos sobre percepção, uma vez que propôs a leitura de um mesmo texto por quatro falantes bilíngues do Canadá. Nesse experimento, os falantes leram o texto em inglês e francês e, quando apresentados a 130 estudantes universitários, foi-lhes dada a tarefa de julgar os áudios conforme fatores como altura, boa aparência física, liderança, senso de humor etc. Os resultados demonstraram que os ouvintes (anglófonos e francófonos) julgaram mais favoravelmente os estímulos em inglês, em comparação ao francês, quanto a maioria das categorias. Isso reforça que estereótipos do inglês têm maior influência sobre os falantes de ambas as línguas.

Um dos estudos mais recentes que aborda a noção de *estímulos pareados* é o de Santos (2020), que analisou as percepções sociolinguísticas acerca da variação do subjuntivo e indicativo de falantes ludovicenses e paulistanos. O autor organizou um experimento formado por orações subordinadas no modo indicativo ou subjuntivo: adverbiais com *embora* ou *talvez* (como em “*embora estivesse/estava aqui, a oportunidade foi dada a outro candidato*” e “*talvez estivesse/estava no tempo de perguntar aos funcionários sobre sua satisfação no trabalho*”) e substantivas introduzidas por *querer* ou *acreditar* (a exemplo de “*o chefe quer que a secretária **permaneça/permanece** na reunião*” e “*ele acredita que todos **façam/fazem** a sua parte*”). As sentenças foram gravadas por quatro falantes (dois homens e duas mulheres) das duas cidades brasileiras e submetidas à percepção dos falantes, tanto em um formulário on-line quanto em entrevistas abertas. No questionário on-line, foram sistematizadas as percepções e avaliações feitas pelos participantes aos quatro falantes (Figura 2) em oito categorias: escolarização, inteligência, formalidade, seriedade, educação, amigabilidade, antipatia e paulistanidade (Figura 3).



falantes julgam certas construções linguísticas de outros falantes. No entanto, cabe aqui fazer a distinção entre percepções *sociolinguísticas* e percepções *linguísticas*, a fim de evitar equívocos. A diferença entre os dois conceitos consiste em como os estudos de percepção linguística estão interessados em verificar a forma como os ouvintes percebem certos fenômenos linguísticos, deixando de lado suas inferências acerca dos fatores sociais dos falantes. A partir de experimentos linguísticos, o pesquisador verifica se os fatores sociais influenciam ou não as percepções dos ouvintes.

Para ilustrar essa diferença, retomamos o estudo de Soriano (2016), que buscou analisar a realização de /-r/ em coda silábica no português paulistano. A autora montou um experimento para verificar como características sociais dos ouvintes afetam o grau de diferença acústica atribuída a cinco variantes de /-r/ em coda: (i) vibrante com três batidas, (ii) vibrante com duas batidas, (iii) tepe (vibrante simples), (iv) aproximante alveolar, (v) aproximante retroflexa. Para evitar distrações que poderiam desviar o foco do fenômeno linguístico, os áudios foram gravados por um único falante (homem, 40 anos, residente da cidade de São Paulo há mais de 20 anos). O experimento contou com 109 participantes, que responderam a um questionário on-line com diferentes pares formados por um mesmo item lexical. Os participantes precisavam indicar como percebiam as diferenças de pronúncias a partir de uma escala de “Igual” (0 – zero) a “Muito Diferente” (100 – cem).

Os resultados da pesquisa mostraram algumas diferenças com relação aos fatores sexo/gênero e o par de variantes ouvidas, também entre o local de residência do ouvinte e o par de variantes que foi ouvido por ele. Assim, as mulheres e os moradores de regiões centrais da cidade se sobressaíram ao atribuírem as maiores diferenças nos pares ouvidos.

Desse modo, a presente pesquisa que aqui se desenvolveu (e será detalhada nos próximos capítulos) se alinha aos aspectos dos estudos de percepção *linguística*, uma vez que, assim como Soriano (2016), também se interessa por verificar como informações sociais dos falantes/ouvintes estão associadas às suas percepções no que diz respeito a um tipo de variável gramatical/sintática, que discutiremos no próximo capítulo.

## 2. PAPÉIS SEMÂNTICOS

Por anos, vários estudiosos tentam definir os conceitos e aspectos dos papéis semânticos. Enquanto alguns destacam a independência de funções sintáticas das relações semânticas (Mioto, Silva e Lopes, 2013), outros apontam que uma não pode se desvencilhar da outra, pois compõem uma relação de harmonia (Camacho, 1999; Cançado, 2023). Este capítulo buscou mostrar essa combinação no que diz respeito aos papéis semânticos e suas ligações com as estruturas sintáticas das sentenças.

Antes de iniciarmos as discussões sobre os papéis semânticos, primeiro é necessário entendermos alguns conceitos. Gramaticalmente, sabe-se que a oração é uma unidade sintática básica composta por dois elementos principais, a saber: sujeito e predicado. Estas são estruturas básicas do português brasileiro. No entanto, a noção de *sujeito* ainda é bastante debatida entre os estudiosos, pois os mais normativos o definem como “o ser de quem se diz algo” (Rocha Lima, 2022, p. 288) ou ainda, “aquele que pratica a ação”, ideias bastante difundidas no senso comum. Outros já apresentam uma definição mais próxima de uma perspectiva funcionalista, como um sintagma nominal que se relaciona com o verbo para formar uma oração (Bechara, 1999 *apud* Casseb-Galvão, 2020). Apesar de considerar o *sujeito* uma das bases da estrutura da oração, o autor ainda mantém em segundo plano as questões semânticas que permeiam nossa discussão.

Vejamos, portanto, a sentença (9) *O João chutou a bola* que, se a dividirmos seguindo os padrões sintáticos, teremos a posição de *sujeito* ocupada pelo sintagma nominal *O João* e o predicado, que agrupa o sintagma verbal *chutou a bola*. Essa relação só é possível graças ao *verbo*, que representa o núcleo do predicado verbal, conforme apresentado no esquema a seguir:

**Tabela 1** - Termos da oração

| SUJEITO          | PREDICADO             |
|------------------|-----------------------|
| Sintagma Nominal | Sintagma Verbal       |
| <i>O João</i>    | <i>chutou a bola.</i> |

Fonte: elaborada pelo autor.

Note que as relações entre os sintagmas são estabelecidas pela concordância com o verbo. Caso, ao invés disso, o verbo estivesse no plural “chutaram”, exigiria-se, portanto, um sujeito que concordasse também no plural (por exemplo: *Os jogadores chutaram a bola*). Desse modo, o verbo, sendo o predicator prototípico, exige, ordena e organiza os elementos

da sentença, uma vez que toda estrutura sintática é organizada em torno de um predicator (Casseb-Galvão, 2020).

Também importa entender, segundo postula Casseb-Galvão (2020), que o predicator abre espaços, ou seja, “casas”, que devem ser preenchidas para a formação de uma oração. Elas possuem características próprias, formais e semânticas a depender da situação em que se encontram inseridas. Esses espaços são chamados de *argumentos*, que são selecionados pelo predicator ou predicado. A autora apresenta um esquema que mostra, a partir de uma estrutura canônica do português brasileiro, como está organizada a relação sintático-semântica entre o predicator e seus argumentos:

[Argumento 1] [Predicado] [Argumento 2]<sup>4</sup>

Os Argumentos 1 e 2 são exigidos e organizados pelo Predicado. Desse modo, essa relação é chamada de predicação. Para melhor compreensão, se retomarmos o exemplo (9) e seguirmos a mesma lógica,

[O João] [chutou] [a bola]

vemos que o verbo *chutar* exigiu dois argumentos, à esquerda e à direita, respectivamente. Isso segue um padrão de hierarquia da própria língua, em que, neste caso, o Argumento 1 é também chamado de argumento externo e mantém uma relação específica com o verbo. Por outro lado, o argumento interno, ou seja, o Argumento 2, possui uma relação diferente em que complementa o verbo.

Entretanto, não se pode confundir o predicado (função sintática) com predicação (relação estabelecida entre o verbo e os argumentos exigidos por ele). Essas definições não bastam para a construção das sentenças do português brasileiro, pois é preciso considerar, também, outros aspectos, como as relações semânticas (os “papéis”) estão envolvidas no processo.

Os papéis semânticos foram definidos de várias maneiras ao longo dos anos por diversos pesquisadores. Para uma parte deles, especialmente do viés gerativista (Chomsky, 1981), são definidos como a função que cada argumento em específico se estabelece em uma oração, considerando apenas a parte sintática e reduzindo a natureza semântica desses papéis a termos descritivos sem articulação teórica, conforme argumenta Camacho (1999). Além desses, o autor cita Jackendoff (1987, 1990), que defende os aspectos sintáticos e semânticos como sistemas autônomos. Segundo ele, os papéis semânticos derivam de conceitos

---

<sup>4</sup> Esquema extraído de Casseb-Galvão (2020, p. 53).

complexos formados a partir de categorias primitivas das quais o léxico é composto. Já para Dowty (1991, *apud* Camacho, 1999), os papéis semânticos são intrinsecamente ligados às noções humanas de perceber o mundo semanticamente, portanto, não pertencem à gramática.

No entanto, em sua discussão, Camacho enfoca, principalmente, trabalhos de viés funcionalista, como o de Dik (1989, *apud* Camacho, 1999), que, a partir de uma gramática funcional, aponta uma interdependência entre a semântica, a sintaxe e a pragmática. Para ele, a diferença entre o funcionalismo e os modelos formais está na inclusão de fatores pragmáticos, daí a importância das discussões feitas por Dik.

Outro autor que aborda essa relação é Vitral (2017). Ele afirma que os papéis semânticos estabelecem “as relações de **significado** entre as palavras que representam o que conhecemos que existe no mundo” (p. 263, grifo do autor), ou seja, tudo o que ocorre no mundo, seja por seres animados ou inanimados, concretos ou abstratos e todos os processos realizados por ele são expressados de alguma maneira na língua. A forma como percebemos esses processos e os significados que atribuímos são representados pelos papéis semânticos. Observe os exemplos em (10):

(10)

- a) **Aquela planta** gostou do terreno do nosso sítio;<sup>5</sup>
- b) Pedro gosta de Maria.

Percebe-se que o verbo *gostar* em (10a) não possui o mesmo sentido que em (10b), pois a planta não possui sentimentos assim como os humanos, portanto, a primeira sentença indica, na verdade, que a planta se adaptou às condições do clima e do terreno em que foi posta. Por outro lado, a segunda sentença demonstra que Pedro passa por uma experiência (que será discutida mais adiante), já que, diferentemente da planta, possui a capacidade de expressar sentimentos. Isso demonstra que os papéis semânticos estão mais associados ao que concebemos mentalmente e não ao que de fato ocorre no mundo (Vitral, 2017).

Neste trabalho, focamos, principalmente, na noção de papéis semânticos de Cançado (2023). A autora aborda uma série de outros teóricos que iniciaram os estudos de concepções de sentido em que os papéis semânticos são assumidos como representações mentais que ligam conceito mental e sentido. Para ela, existe algum tipo de dependência dentro das sentenças do português que não podem ser expressas apenas pelas funções sintáticas, mas que se situa nas relações de sentido que o verbo estabelece com os complementos da oração,

---

<sup>5</sup> Exemplo em (10a) extraído de Vitral (2017, p. 263, grifo do autor).



também chamados de argumentos. A partir dessa dependência, o verbo atribui funções para cada um dos argumentos, que são chamadas de papéis semânticos.

Os estudos de Givón (1995; 2001[1984]) também se alinham a essa ideia, pois defendem a distinção entre as categorias sintáticas e semânticas, já que autores como Gruber (1965) e Fillmore (1968) até então haviam focado apenas nas consequências que os papéis exerciam gramaticalmente. Então o pesquisador demonstrou que há casos em que a mesma estrutura sintática, por exemplo, o *sujeito*, pode admitir mais de um papel semântico, como nas sentenças *Ela está caindo* (paciente da mudança) e *Ela está escrevendo uma carta* (agente)<sup>6</sup>. Isso mostra que ainda que o verbo atribua os papéis semânticos, a sintaxe e a semântica são sistemas distintos.

Com isso, conforme introduzido anteriormente, sabe-se que as funções sintáticas são limitadas; entretanto, o mesmo não se pode dizer dos papéis semânticos, pois, por serem associações que as pessoas fazem mentalmente, podem chegar a incontáveis possibilidades. Sabendo disso, Cançado (2023) fez uma lista com os principais e mais recorrentes papéis semânticos que encontramos no PB, com base nos estudos de vários pesquisadores que analisaram essa temática ao longo dos anos.

O mais recorrente de todos, e cuja definição parece a mais unânime entre os autores, é o papel semântico de *Agente*. Ele é definido como o elemento que pratica uma ação (Perini, 2016, p. 74), entidade causadora de alguma ação (Mioto, Silva e Lopes, 2013) — estes mais próximos da noção normativa ensinada na educação básica e, frequentemente, confundidos com o *sujeito* —, o desencadeador de uma ação que age com controle (Cançado, 2023), “o participante, normalmente animado que age deliberadamente para iniciar o evento e, portanto, assume a responsabilidade por ele”<sup>7</sup> (Givón, 2001[1984], p. 107), entre outras definições. A sentença em (9) *João chutou a bola* é um exemplo disso.

Alguns outros papéis elencados pela autora e suas definições são:

- *Causa*: o desencadeador de alguma ação, sem controle;  
(11) *O Sol* queimou a plantação
- *Instrumento*: o meio pelo qual a ação é desencadeada;  
(12) A Maria escreveu a carta com *uma caneta esferográfica*
- *Paciente*: a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado;  
(13) O João quebrou *o vaso*

<sup>6</sup> Tradução para *She is falling* e *She is writing a letter*, respectivamente.

<sup>7</sup> “The participant, typically animate, who acts deliberately to initiate the event, and thus bears the responsibility for it” (Givón, 2001 [1984], p. 107). Tradução nossa.

- *Tema*: a entidade deslocada por uma ação;  
Retomando o exemplo em (7) *A bola atingiu o alvo*
- *Experienciador*: ser animado que mudou ou está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico;  
(14) *O João pensou na Maria.*  
(15) *O João viu um pássaro.*  
(16) *O João gosta da Maria.*

Além destes, Cançado (2023) elenca vários outros papéis semânticos em uma extensa lista com definições e exemplos. Porém, este trabalho focaliza apenas os papéis citados acima, com exceção de *Instrumento* e *Paciente*.

A autora enfatiza que há alguns problemas com relação às definições dos papéis semânticos, uma vez que não há de fato um consenso entre os pesquisadores quanto às funções que cada papel desempenha, alguns deles, inclusive, atribuem características diferentes para o mesmo papel<sup>8</sup>. Além disso, para os estudiosos gerativistas como Miotto, Silva e Lopes (2013), o Critério-Theta, que faz parte da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1988 *apud* Cançado, 2023), defende que cada sintagma nominal só deve receber um papel semântico. Cançado (2023, p. 131) afirma que essa perspectiva se torna incongruente ao mostrar exemplos como (17) *O João comprou um carro da Maria*, em que *O João* desempenha duas funções: *agente*, pois está realizando a ação e a controla e, ao mesmo tempo, também é *alvo*<sup>9</sup> da compra, já que o carro passa a pertencer a ele.

As divergências entre Miotto, Silva e Lopes (2013) e Cançado (2023) estão na forma como esses autores enxergam a atribuição de papéis semânticos. Os primeiros defendem que as relações semânticas se originam em estruturas profundamente sintáticas que se relacionam com o léxico, “local onde os núcleos estão armazenados juntamente com a informação quanto às suas propriedades lexicais, em especial, quanto à sua grade temática” (Miotto, Silva e Lopes, 2013, p. 140). Para eles, é nessa “estrutura profunda” que os papéis semânticos são atribuídos no nível sintático. Cançado (2023), por outro lado, argumenta que essas relações semânticas são distintas das funções sintáticas, pois têm mais a ver com a capacidade cognitiva dos falantes em atribuir significado às sentenças com base em suas próprias percepções do mundo, alinhando-se a teóricos como Vitral (2017), por exemplo.

---

<sup>8</sup> Perini (2016), por exemplo, define como *Estímulo* as mesmas características que Cançado chama de *Experienciador*.

<sup>9</sup> Em definição, o papel semântico *Alvo*, segundo Cançado (2023, p. 128) é “a entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal como no sentido metaforicamente”. Portanto, o carro em (17) está se movendo metaforicamente de Maria para João, exemplificando o ato da compra.

Embora a autora tenha utilizado a nomenclatura “papéis temáticos”, neste trabalho, optamos por destacar a noção semântica, seguindo o aspecto funcionalista postulado por Camacho (1999). Por essa razão, durante toda esta pesquisa, utilizaremos a nomenclatura **papéis semânticos**.

## 2.1. Estudo descritivo sobre papéis semânticos

Diante da discussão levantada acima, alguns trabalhos serão mobilizados aqui para mostrar como essa temática é discutida por diferentes autores. O primeiro deles é de Dall’Asen (2014), que buscou analisar a animacidade dos papéis semânticos atribuídos ao sujeito dos verbos *destruir* e *explodir* em condições gramaticais específicas com base na proposta de Hierarquia Temática elaborada por Bresnan e Kanerva (1989) e reexaminada por Franchi e Cançado (2003). A pesquisa parte de um método hipotético-dedutivo para buscar uma possível regularidade na atribuição de papéis semânticos para o sujeito dos verbos mencionados. A autora selecionou os verbos *destruir* e *explodir* por apresentarem diferenças em relação à grade argumental. Os resultados demonstraram que, embora os verbos pertençam à mesma classe dos verbos de destruição, eles não aceitaram a mesma classificação temática.

Um estudo que busca discutir a noção de papéis semânticos em relação à noção de sujeito é o de Melo (2017). Ele apresenta uma descrição, a partir da perspectiva funcionalista, das propriedades sintáticas e dos papéis semânticos da categoria sujeito evidenciados em sentenças escritas por moradores/estudantes de uma cidade do estado de Alagoas. Metodologicamente, o autor aplicou um questionário a vinte e seis estudantes/moradores nativos do município de Estrela do Alagoas que os indagava acerca de qual das variantes toponímicas era a mais aceita pelos moradores. As perguntas eram:

1 – *Qual o nome que você usa para se referir a sua cidade? Bola, Estrela ou Estrela de Alagoas, por quê?*;

2 – *Entre os nomes Bola, Estrela e Estrela de Alagoas, qual a melhor forma para nomear a sua cidade, por que você tem essa opinião? e*

3 - *Qual sua opinião sobre as pessoas que usam uma forma diferente para nomear a sua cidade? Elas estão certas ou erradas? Por quê?* (Melo, 2017, p. 193).

Com isso, destacou os papéis semânticos nas respostas dos participantes e separou-os em categorias como *agente*, *causa*, *experimentador*, entre outros. Os resultados demonstraram que há um padrão recorrente quanto à posição sintática de sujeito preferido pelos moradores:

a posição anteposta ao verbo. Semanticamente falando, os resultados demonstraram predominância de casos de *agente*, *experimentador*, *beneficiário*, *experimentador*, *causa*, *origem* e *objetivo*. Segundo o autor, é no nível pragmático que há a necessidade de especificar os papéis semânticos na posição de sujeito.

Sousa (2015), por sua vez, abordou a animacidade dos papéis semânticos em sua dissertação de mestrado. A partir do gerativismo, a autora objetivou analisar os papéis semânticos levando em conta as regras que determinam a realização de argumentos na sintaxe. Além disso, ela discute que a animacidade dos papéis semânticos também pode influenciar a grade argumental. Para isso, ela propôs a realização de um experimento on-line, através de um programa de computador, para avaliar o tempo de leitura de sentenças manipuladas no cruzamento de duas variáveis independentes e submetidas aos participantes. Os resultados mostraram que os sujeitos inanimados promovem um tempo de leitura maior. Quanto aos papéis semânticos, foi necessário observar todos os tempos de leitura para atestar os resultados. Os dados obtidos mostraram uma hierarquia de papéis semânticos de *agente* > *paciente* > *experenciador*.

O presente trabalho se alinha a um conjunto de estudos que busca verificar como os ouvintes percebem a tarefa cognitiva de atribuição de papéis semânticos, especificamente os que ocupam a posição sintática de sujeito, à esquerda do predicado verbal, ou seja, no seu argumento externo. Diferentemente dos estudos resenhados aqui, esta pesquisa considera os fatores sociais dos falantes ao avaliar como esses fenômenos linguísticos são percebidos pelos falantes da língua portuguesa. Todos os procedimentos metodológicos serão detalhados no próximo capítulo.

### 3. DESENHO DO EXPERIMENTO

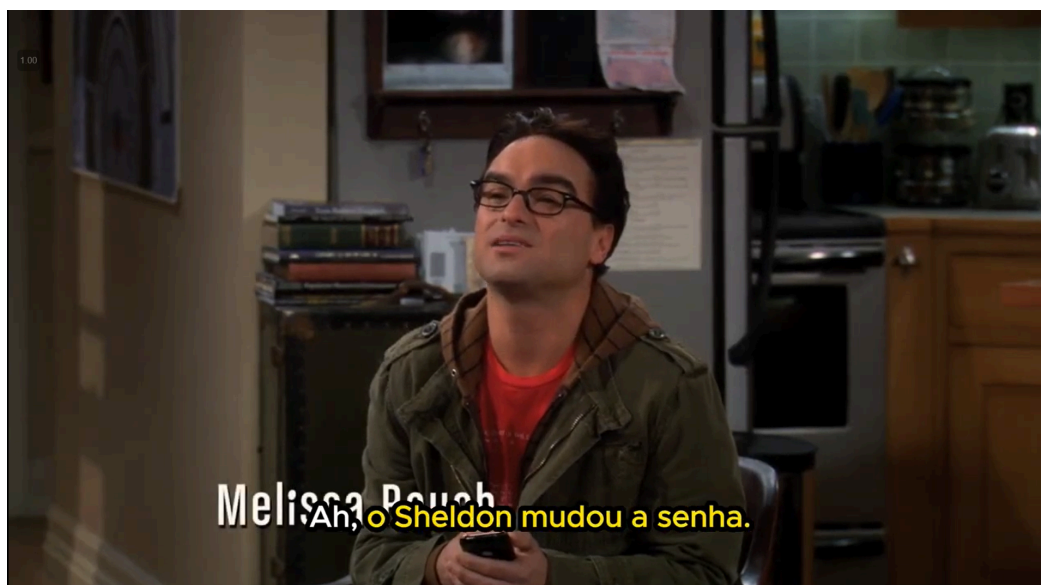
Esta pesquisa se interessa por analisar a atribuição de papéis semânticos aos argumentos de sentenças do português brasileiro. Inicialmente, a partir dos estudos teóricos citados nos capítulos anteriores, levando em consideração a perspectiva da sociolinguística variacionista, propomos um experimento linguístico que busca acessar a percepção dos falantes/ouvintes do PB. O experimento foi realizado por meio de um questionário pelo *Google Forms*, uma plataforma de criação de formulários on-line, que nos permitiu elaborar o questionário de maneira simples e direta, visando a melhor compreensão dos participantes. Neste experimento, os participantes foram submetidos a um questionário contendo sentenças do português que apresentam os papéis semânticos elencados por Cançado (2023).

Em seus estudos, a autora apresenta uma lista de diversos papéis semânticos que, segundo ela, representam os principais tipos de uma maneira geral e abrangente. No entanto, para esta pesquisa, selecionamos apenas os papéis semânticos de *agente*, *causa*, *tema* e *experienciador* — este, subdividido em mais três tipos: *estado mental*, *perceptual* e *psicológico*. Essa escolha foi feita considerando apenas os papéis semânticos que aparecem na posição de sujeito da oração, tendo em vista que é a estrutura sintática cânone do português brasileiro (Casseb-Galvão, 2020), ou seja, é comum a todos os participantes da pesquisa.

A partir disso, fez-se uma seleção das sentenças que apresentam os papéis encontrados ao longo do famoso seriado norte-americano *The Big Bang Theory*. A *sitcom* acompanha o cotidiano de um grupo de cientistas e suas pesquisas em busca do sonhado Prêmio Nobel de Física. Apesar de parecer complexa, a série traz diversos diálogos do dia a dia comum nos EUA, o que justifica a escolha das falas traduzidas para o português brasileiro, em vez de gravações feitas por falantes nativos da língua, como é comum em pesquisas como esta. Também se destaca aqui o fato de que uma busca prévia em dados de entrevistas sociolinguísticas não forneceram exemplares contundentes dos papéis semânticos a serem utilizados nesta pesquisa. Desse modo, optou-se por extrair os trechos da série em vez de gravações, uma vez que poderiam soar menos naturais para os participantes da pesquisa. Além disso, a proposta do uso das sentenças da série corrobora o humor presente nos trechos destacados, o que contribuiu para que o experimento fosse, de certo modo, encarado pelos participantes de uma maneira cômica e que nos permitiu acessar mais facilmente a percepção linguística de cada um.

Ao todo, foram selecionadas cinco sentenças, cada uma correspondente a um tipo de papel semântico, extraídas de diversos episódios do seriado.

**Figura 4 - Trecho 1: Agente**



Fonte: Warner Bros. Television, 2011. Episódio 14, Temporada 4 de *The Big Bang Theory*.<sup>10</sup>

Na sentença destacada, observe que *O Sheldon* está à esquerda do verbo *mudar*, portanto, na posição de sujeito da oração. Enquanto isso, o verbo estabeleceu uma relação semântica (um papel) ao sujeito, que nesse caso, é o agente da sentença.

**Figura 5 - Trecho 2: Tema**

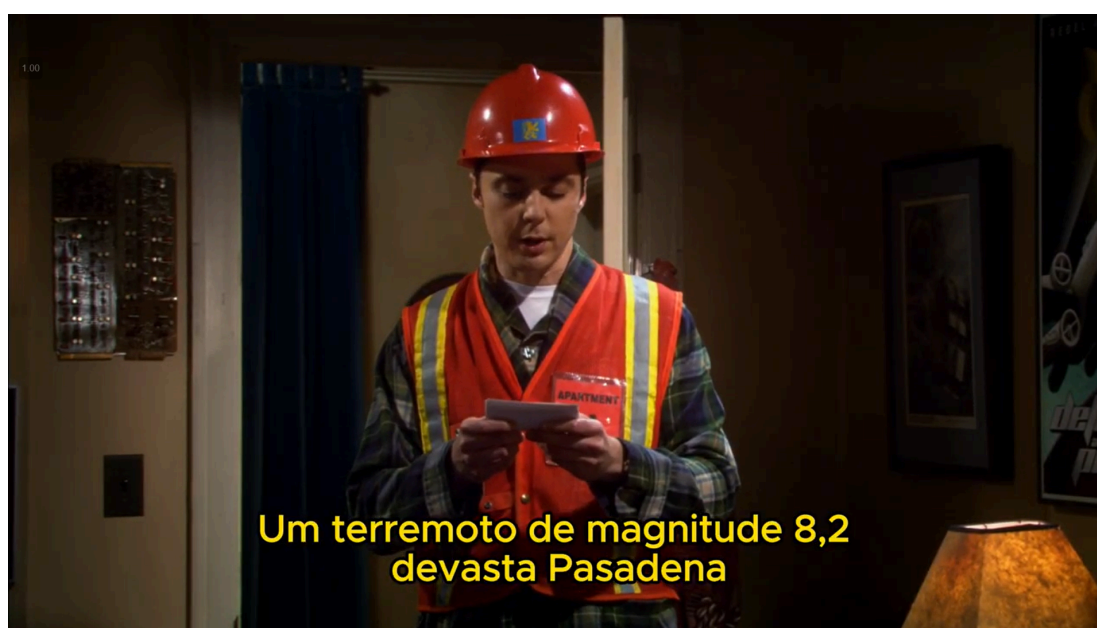


Fonte: Episódio 18, Temporada 2.

<sup>10</sup> O seriado *The Big Bang Theory* (2007-2019) pertence à Warner Bros. Television. Atualmente, todos os episódios, incluindo os mencionados neste trabalho, estão disponíveis no serviço de *streaming* Max, da mesma produtora. Acesso em: 3 abr. 2024. Todos os direitos reservados à Warner Bros. Television.

Diferentemente do que acontece no primeiro trecho, a sentença *Cavalo come o bispo na casa cinco* não apresenta mais um sujeito com a função semântica de agente, mas de tema, uma vez que, no contexto empregado, o falante pode assimilar se tratar de uma peça do jogo de xadrez. No entanto, a peça não se move sozinha, necessitando, portanto, de ajuda de outra entidade que a movimenta. Retomemos a definição de Cançado (2023), previamente mostrada na Introdução, em que o papel semântico de tema é empregado a uma entidade que é deslocada por uma ação, assim como o exemplo da autora (7): *a bola atingiu o alvo*.

**Figura 6** - Trecho 3: Causa



Fonte: Episódio 15, Temporada 5.

A sentença destacada na imagem apresenta o verbo transitivo direto *devastar* que aponta para o sujeito *um terremoto*. Nesse contexto, o sujeito é o causador da devastação de Pasadena, por isso recebe semanticamente a função de causa.

A seguir, tem-se o papel de *experienciador*, em que Cançado (2023) aponta três principais subdivisões:



**Figura 7** - Trecho 4: Experienciador estado mental



Fonte: Episódio 3, Temporada 5.

Em *Os noivos estão felizes*, tem-se um caso de locução verbal que indica um estado de felicidade, experienciado pelo sujeito *Os noivos*.

**Figura 8** - Trecho 5: Experienciador psicológico



Fonte: Episódio 24, Temporada 11.

Retomando outro exemplo de Cançado (2023, p. 128), (16) *O João* gosta da Maria, é possível perceber que o verbo *gostar* não implica uma ação, mas uma experiência psicológica de *O João*, apresentado no argumento externo. Por essa razão, seguindo a definição da autora, *O Sheldon ama a Amy*, sentença destacada na imagem, segue a mesma estrutura.



O papel semântico *experienciador perceptual*, exemplificado por Cançado (2023) em (15) *O João* viu um pássaro, embora comum, não foi encontrado no seriado a partir dos critérios de seleção desta pesquisa, portanto, optamos por seguir apenas com os cinco papéis já listados.

O formulário apresenta quatro seções, seguindo uma ordem. A primeira seção é uma página de apresentação breve da pesquisa e do formulário; a segunda, solicita os dados pessoais dos participantes, como nome, data de nascimento, sexo e escolaridade; a terceira seção é destinada aos participantes com nível superior completo ou incompleto; e, por fim, a quarta seção apresenta os trechos de episódios do seriado e as alternativas logo em seguida.

O intuito para a coleta dos dados pessoais é verificar se as respostas apresentam diferenças significativas entre os participantes a depender de fatores sociais extralinguísticos (sexo, escolaridade, idade). Essas informações serviram também para evitar que os falantes/ouvintes respondessem ao questionário mais de uma vez. O nome dos participantes, vale ressaltar, foi utilizado apenas para o propósito mencionado anteriormente, evitando qualquer influência sobre as respostas e, a fim de manter a privacidade dos indivíduos, foi desconsiderado após a coleta de dados.

Partindo para a quarta seção, cada trecho de vídeo extraído da série contém áudio dublado em português e legendas nas cores branca e amarela, também em português. O objetivo é fazer com que os participantes ouçam o áudio e também acompanhem a legenda. As legendas amarelas contêm as sentenças com os papéis semânticos listados acima, ou seja, são o que interessa para esta pesquisa. O participante assiste ao vídeo e responde à pergunta que vem em seguida, contendo duas alternativas. O objetivo é deixar o questionário mais intuitivo, fugindo da noção de “certo” ou “errado”.

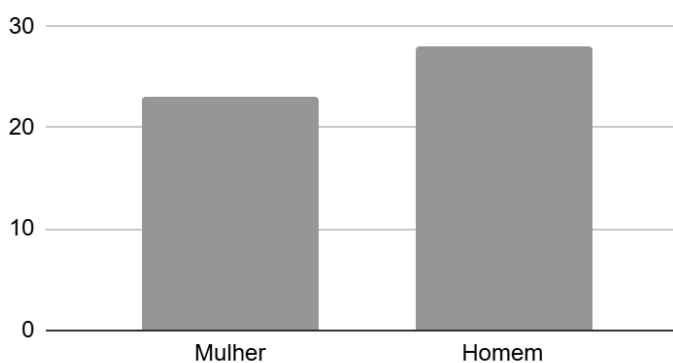
Os dados coletados foram organizados em uma planilha e submetidos à plataforma R Core Team (Core Team, 2024), uma linguagem de programação gratuita e de código aberto que permite analisar e visualizar dados estatísticos. Dessa forma, a seguir, partiremos para os resultados desta pesquisa.

#### 4. RESULTADOS

Este capítulo apresenta uma análise dos resultados obtidos através do questionário on-line, para verificar como os falantes/ouvintes responderam ao teste de percepção linguística e se fatores sociais importam para a atribuição de papéis semânticos. A partir dos 51 participantes, foram obtidas respostas para os cinco papéis semânticos selecionados. Esses dados foram organizados a partir de uma planilha gerada pelo próprio *Google Forms* e, em seguida, submetidos à linguagem de programação R Core Team (Core Team, 2024).

Com base nas respostas, foi possível traçar o perfil social dos falantes/ouvintes a partir de informações como sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, conforme os gráficos a seguir:

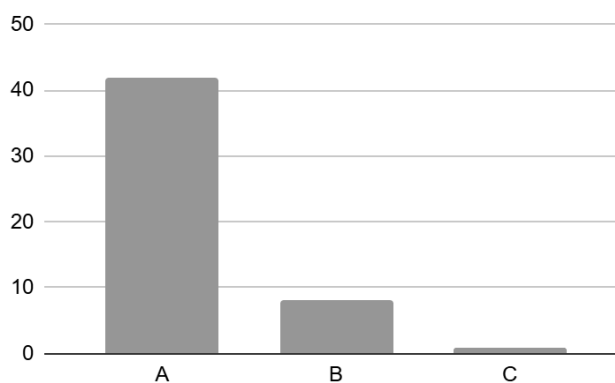
**Gráfico 1** - Sexo/gênero dos participantes



Fonte: elaborado pelo autor

Os participantes estão distribuídos entre 23 mulheres e 28 homens, que pertencem a três grupos de faixa etárias (Gráfico 2). A faixa etária A agrupa os indivíduos de 18 a 29 anos, no grupo B estão as pessoas com idade entre 30 e 49 anos e o grupo C, acima de 50 anos.

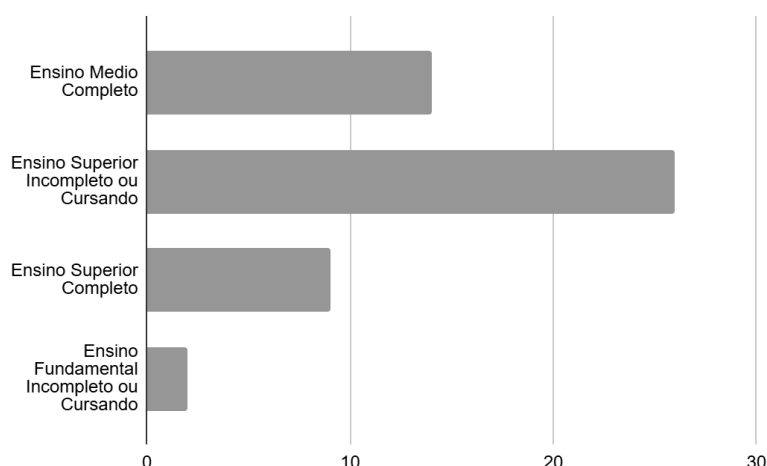
**Gráfico 2** - Faixa etária dos participantes



Fonte: elaborado pelo autor

A terceira e última categoria social utilizada nesta pesquisa foi a escolaridade, para verificar, assim como para as outras variáveis, se há diferenças, nesse aspecto, quanto à atribuição de papéis semânticos. Obteve-se, portanto, um maior número de participantes cursando o Ensino Superior e que completaram o Ensino Médio, em comparação aos outros grupos de escolaridade, como mostra o Gráfico 3.

**Gráfico 3** - Escolaridade dos participantes



Fonte: elaborado pelo autor

Sabendo disso, dentro da plataforma R, utilizou-se o teste Fisher com a finalidade de verificar se há relação entre os fatores sociais dos falantes e a atribuição de papéis semânticos, considerando a quantidade de dados obtidos no questionário. Aplicamos o teste a cada um dos papéis selecionados e destacamos alguns resultados, que podem ser visualizados na Tabela 2.

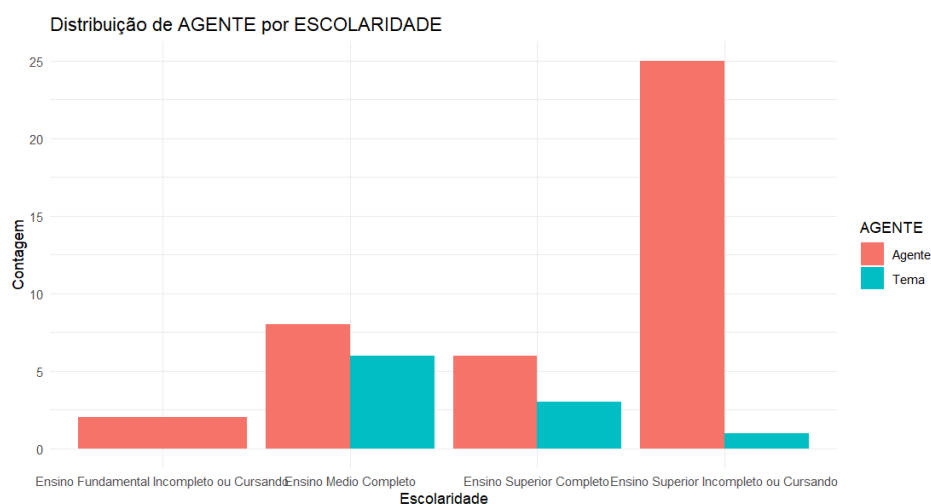
**Tabela 2** - Valores de P das variáveis sociais

| Papel Semântico | Variável Social | P-value |
|-----------------|-----------------|---------|
| AGENTE          | SEXO.GENERO     | 0.1542  |
|                 | FAIXA.ETARIA    | 0.0045  |
|                 | ESCOLARIDADE    | 0.0087  |
| TEMA            | SEXO.GENERO     | 1.0000  |
|                 | FAIXA.ETARIA    | 0.0364  |
|                 | ESCOLARIDADE    | 0.2094  |
| EXP.PSI         | SEXO.GENERO     | 0.1488  |
|                 | FAIXA.ETARIA    | 0.1193  |
|                 | ESCOLARIDADE    | 1.0000  |
| EXP.MENT        | SEXO.GENERO     | 0.2044  |
|                 | FAIXA.ETARIA    | 0.6221  |
|                 | ESCOLARIDADE    | 1.0000  |
| CAUSA           | SEXO.GENERO     | 0.4004  |
|                 | FAIXA.ETARIA    | 0.0193  |
|                 | ESCOLARIDADE    | 0.8975  |

Fonte: elaborada pelo autor

Da esquerda para a direita, a primeira coluna apresenta os cinco papéis semânticos selecionados para esta pesquisa; a segunda, apresenta as variáveis sociais coletadas no questionário; e, por fim, a última coluna apresenta o valor de P, que serve como indicador para verificar, matematicamente, se os dados obtidos possuem relações estatísticas.

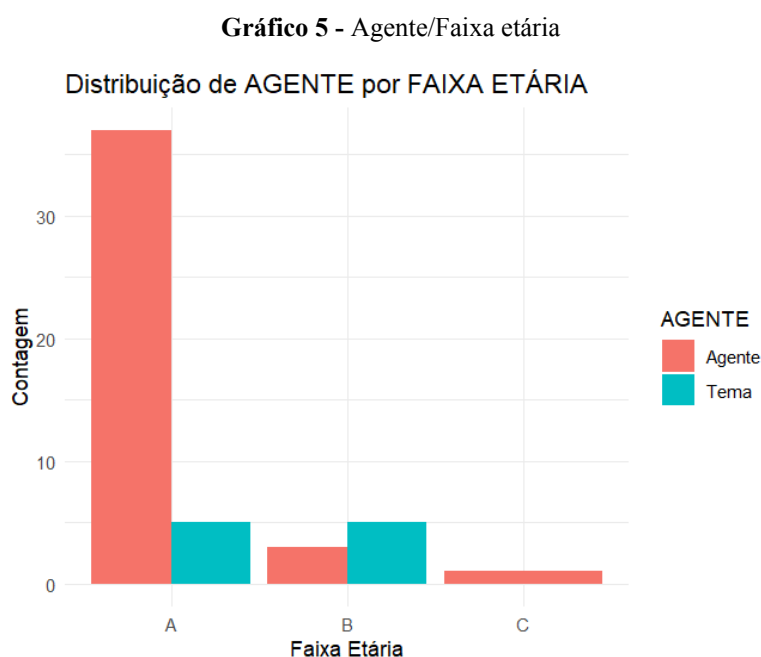
Conforme observado na tabela, para *Agente*, o teste revelou que o fator sexo/gênero não apresentou uma relação significativa, uma vez que o valor de p foi 0.1542, ou seja, maior que 0.05. Por outro lado, a escolaridade (ilustrada no Gráfico 4) foi um fator de importância. Ela apresentou p-value = 0.008658, que, por ser menor que o pré-estabelecido, pode indicar que estão estatisticamente relacionados.

**Gráfico 4** - Agente/Escolaridade

Fonte: elaborado pelo autor

No gráfico, as colunas em tom alaranjado remetem às respostas para o estímulo esperado para o papel semântico de *Agente*, de acordo com as escolaridades indicadas no formulário. As colunas em azul representam o estímulo de distração, contendo outro papel semântico: *Tema*.

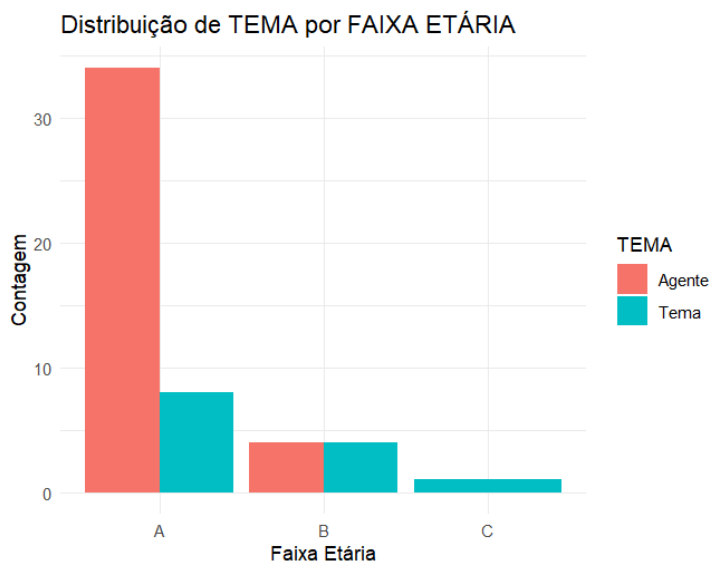
Além da escolaridade, a faixa etária também apresentou uma relação ainda maior, segundo os testes. Com o valor  $p = 0.004497$  sendo menor que o do fator anterior, os cálculos indicam que *Agente* e faixa etária estão ainda mais fortemente associados.



Fonte: elaborado pelo autor

Para o papel de *Tema*, os fatores sexo/gênero e escolaridade foram desconsiderados, pois não apresentaram um valor que indique relação estatística significativa para esta análise. Por outro lado, a faixa etária (Gráfico 6) foi a única que mostrou diferenças, com um  $p\text{-value} = 0.0364$ .

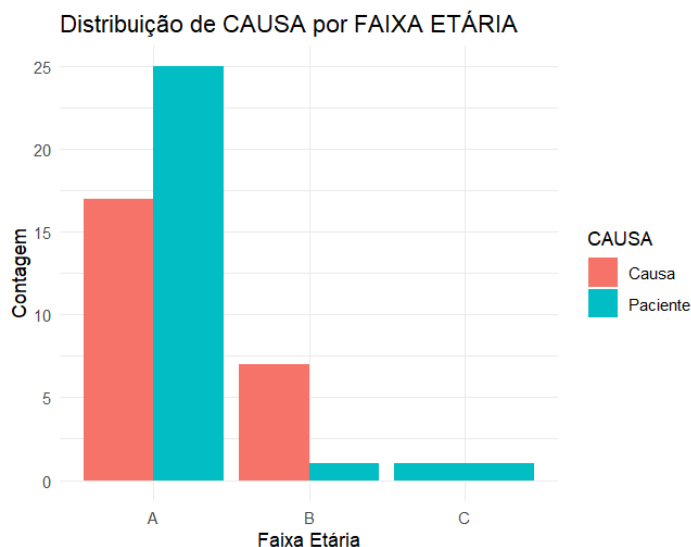
Gráfico 6 - Tema/Faixa etária



Fonte: elaborado pelo autor

Observa-se, no gráfico, que o grupo A concentra a maior parte das respostas, e há uma notável diferença nas atribuições dos falantes que estão inseridos nele. A hipótese levantada para esta questão é de que os falantes percebem a sentença destacada no trecho de uma maneira diferente do esperado. Seguindo a definição Cançado (2023) para *Tema*, explicada anteriormente, esse papel semântico precisa de uma entidade que o desloque, pois é incapaz de se mover por conta própria, como é o caso do trecho *Cavalo come o bispo na casa cinco*, mostrado na Figura 5. No entanto, os falantes podem ter associado *Cavalo* ao papel de *Agente* por confundirem com o *sujeito*, que costuma ser definido, no senso comum, como aquele que pratica a ação. Isso explicaria a razão dos falantes escolherem o estímulo distrator (em laranja), ao invés do estímulo esperado para o papel de *Tema* (em azul).

Por último, o papel semântico de *Causa* também se destacou nas análises. A faixa etária, mostrada na Tabela 2, foi um fator que mostrou um p-value = 0.01932, ou seja, apresentou relação com a atribuição desse papel semântico (ilustrada no Gráfico 7).

**Gráfico 7 - Causa/Faixa etária**

Fonte: elaborado pelo autor

Pode-se observar que há uma divergência quanto à atribuição feita pelos dois primeiros grupos. A faixa etária mais jovem respondeu mais favoravelmente ao estímulo distrator (em azul) ao ser submetida ao trecho *Um terremoto de magnitude 8,2 devasta Pasadena*, indicado na Figura 6. No entanto, o oposto ocorreu no grupo B, quando a quase totalidade dos participantes dessa faixa etária responderam ao estímulo esperado.

Os outros fatores — sexo/gênero e escolaridade — não demonstraram relação entre eles e o papel semântico de *Causa*. Além desses, os papéis de *Experienciador mental* e *psicológico* não mostraram qualquer relação, segundo os cálculos matemáticos.

Desse modo, torna-se evidente o destaque dos papéis de *Agente*, *Tema*, e *Causa* e suas variáveis sociais, especialmente, faixa etária. Foi possível perceber, por exemplo, que diferentes grupos podem atribuir papéis semânticos diferentes para a mesma sentença, o que reforça o seu aspecto semântico (Cançado, 2023, Vitral, 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo de acessar a percepção linguística de maranhenses quanto a atribuição de papéis semânticos (Jackendoff, 1983; 1990; Larson & Segal, 1995) a sentenças extraídas do seriado norte-americano *The Big Bang Theory*. Foram selecionadas cinco sentenças que apresentavam os papéis semânticos de agente, tema, causa, experienciador psicológico e estado mental no argumento externo do verbo, ou seja, na posição de sujeito. Com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, foi possível verificar de que maneira as informações sociais como sexo/gênero, escolaridade e faixa etária influenciaram essa atribuição.

Os resultados mostraram que há um padrão de variação na atribuição de papéis semânticos com relação a algumas variáveis sociais. Foi possível observar, por exemplo, que grupos de diferentes faixas etárias ou de distintas escolaridades podem atribuir diferentes respostas para os papéis semânticos de *Agente*, *Causa* e *Tema*, destacando o seu aspecto semântico postulado por autores como Camacho (1999), Vitral (2017) e Cançado (2023).

No entanto, vale ressaltar, que, apesar das contribuições para as discussões entre a sintaxe e a semântica, este estudo apresenta algumas limitações, como, por exemplo, o fato de que as sentenças não apresentam a mesma estrutura sintática. Além disso, este estudo lidou com estruturas extraídas de sentenças de um seriado de televisão que, ainda que aproximado da fala cotidiana, pode trazer respostas que enviessem a avaliação das estruturas sintáticas pelos ouvintes. Por outro lado, retoma-se a informação de que depois de analisar as entrevistas sociolinguísticas de Santos (2015), não foi possível verificar exemplares que pudessem ser analisados com os papéis semânticos aqui analisados. Uma projeção futura é a de se pedir que falantes nativos de português gravem as sentenças, a exemplo do que já propõem outros estudos de percepção linguística, como a elaborada por Santos (2020).

Além disso, outro estudo que aqui se propõe é verificar se os exemplos elencados nos manuais de Cançado (2023) e Miotto, Silva e Lopes (2013) corresponderiam, de fato, à atribuição de papéis semânticos por ouvintes nativos do PB. Desse modo, a pesquisa pode contrastar as definições desses autores com os resultados obtidos.

Tendo como base a presente pesquisa, que analisou o argumento externo das sentenças, propõe-se aqui explorar também os papéis semânticos que estão presentes no argumento interno e analisar que informações sociais dos falantes estão relacionadas à atribuição desses papéis. Além disso, seria necessário também ampliar as amostras de participantes, pois embora tenham sido suficientes para a atual pesquisa, uma quantidade



maior de respostas pode permitir uma análise mais aprofundada das relações entre os fatores sociais e atribuição dos papéis semânticos.

Por fim, espera-se que este trabalho possa servir para futuras pesquisas e que tenha contribuído significativamente para os estudos variacionistas e de percepção linguística, além de facilitar um entendimento mais abrangente dos processos sintático-semânticos da língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMACHO, Roberto Gomes. Estrutura argumental e funções semânticas. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 43, 1999. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4088>. Acesso em: 19 jan. 2025.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)**. 282f. Tese (Doutorado em Linguística). Stanford University, 2006.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. A Função Sujeito: definição, tratamento tradicional e funcionalidade. In: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; DE ROSA, Gian Luigi; SILVA, Kleber Aparecido; BERTOQUE, Lennie Aryete Pereira (orgs.). **O sujeito gramatical no português brasileiro: expressão, concordância, ergatividade e afetamento**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

CHOMSKY, Noam. **Estruturas Sintáticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015[1957].

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria N. de. **Para conhecer sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DALL'ASEN, Taise. Hierarquia dos papéis temáticos atribuídos ao sujeito dos verbos destruir. **Repositório on-line UFFS**. Chapecó, 2014. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/154>. Acesso em: 29 set. 2024.

ECKERT, Penelope. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 87–100, 2012. Disponível em: <https://anthro.annualreviews.org>. DOI: 10.1146/annurev-anthro-092611-145828. Acesso em: 6 fev. 2025.

FRANCHI, Carlos; CANÇADO, Márcia. Reexame da noção de hierarquia temática. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 11, n. 2, p. 125–153, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28848>. Acesso em: 19 jan. 2025.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

\_\_\_\_\_. **Syntax: A Functional-Typological Introduction**. v 1 e 2. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001[1984].

JACKENDOFF, Ray. The status of thematic relations in linguistic theory. **Linguistic Inquiry**, v.18, n.3, p.369-411, 1987.

\_\_\_\_\_. **Semantic structures**. Cambridge: MIT Press, 1990.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, W. E.; HODSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. "Evaluational reactions to spoken languages." **Journal of Abnormal and Social Psychology**, vol. 60(1), 44–51, 1960.

LOPES, João Vitor Cunha. **Avaliações (socio)linguísticas sobre os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na fala de maranhenses**. 2023. 118 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras - Campus Bacabal) - Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2023.

LOPES, João Vitor Cunha; SANTOS, Wendel Silva dos. Avaliações sociolinguísticas acerca do uso de *tu* e *você* na variedade maranhense do português. **Revista Linguística**, vol. 20, nº 2, p. 169 – 191, maio - ago. 2024, DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2024.v20n2a64330>.

MELO, Pedro Antônio Gomes. Propriedades Sintáticas e Papéis Semânticos do Sujeito em Orações Escritas por Estudantes/Moradores Estrelenses. **Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 13, n. 30, p. 191–211, 2017. DOI: 10.48075/rt.v13i30.16251. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/16251>. Acesso em: 2 jul. 2024.

MENDES, Ronald Beline. **Sounding Paulistano**: Variation and correlation in São Paulo. Trabalho apresentado no NWAV39, San Antonio, Texas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Percepção e Performance de Masculinidades**: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal. Tese (Livre Docência) – FFLCH-USP. São Paulo, 225f, 2018.

MENDES, Ronald Beline.; OUSHIRO, Livia. A pronúncia retroflexa do /-r/ na fala paulistana. In: HORA, Demerval da.; NEGRÃO, Esmeralda. Vailati. (Eds.), **Estudos da Linguagem**. Casamento entre temas e perspectivas. João Pessoa: Ideia, 2011, p. 282–299.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. **Novo manual de sintaxe**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

OUSHIRO, Livia. **Uma análise variacionista para as interrogativas –Q**. 2011. 160f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Programa de Pós graduação em Semiótica e Linguística Geral – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São de Paulo. 390f. Tese (Doutorado em Linguística). FFLCH-USP, 2015.

\_\_\_\_\_. Avaliações e percepções sociolinguísticas. **Estudos Linguísticos (São Paulo)**, v. 50, n. 1, p. 318-336, abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3100>. Acesso em: 19 jan. 2025.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2016.

R TEAM, Development Core. **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2024. URL: <https://cran.r-project.org/bin/windows/base/>. Último acesso em: 5 mar. 2025.

SANTOS, Wendel Silva dos. **Percepções sociolinguísticas acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luís e São Paulo**. 240f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – FFLCH/USP, São Paulo, 2020.

\_\_\_\_\_. A percepção sociolinguística do subjuntivo e do indicativo. *In: CARVALHO, Cristina dos; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; DIAS, Valter de Carvalho. A sociolinguística no Nordeste: diferentes abordagens*. 1ª ed. - São Paulo : Pá de Palavra, 2023, pp. 66-81.

SORIANO, Larissa Grasiela Mendes. **Percepções sociofonéticas do (-R) em São Paulo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SOUZA, Cristiane Ramos de. **Animacidade e papéis temáticos: um estudo experimental**. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

VITRAL, Lorenzo. **Gramática inteligente do português do Brasil: ilustrada e com exercícios**. São Paulo: Contexto, 2017.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

## APÊNDICE

### 1. Formulário de Percepção Linguística, no *Google Forms*

#### Dados pessoais

Primeiramente, eu vou precisar de algumas informações suas; lembrando que elas não serão divulgadas, portanto, sua identidade estará preservada.

Obs.: Ao enviar essas respostas, você está ciente de que elas serão utilizadas na referida pesquisa.

1. Qual o seu nome? \*

---

2. Informe sua data de nascimento \*

---

*Exemplo: 7 de janeiro de 2019*

3. Você se identifica como... \*

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Homem

☐ Mulher

4. Qual seu nível de escolaridade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

☐ Ensino Fundamental Completo *Pular para a pergunta 6*

☐ Ensino Fundamental Incompleto ou Cursando

*Pular para a pergunta 6*

☐ Ensino Médio Completo *Pular para a pergunta 6*

☐ Ensino Médio Incompleto ou Cursando *Pular para a pergunta 6*

☐ Ensino Superior Completo *Pular para a pergunta 5*

☐ Ensino Superior Incompleto ou Cursando *Pular para a pergunta 5*

#### Ensino Superior

5. Qual curso você cursou ou está cursando no momento? \*

---

## A pesquisa

Nessa seção, você irá assistir a alguns trechos de uma série.

Aqui, seguem algumas instruções.

Você assistirá a um trecho de um vídeo de uma série. Todos os vídeos vêm com áudios em português, e as legendas, que também estão em português, aparecem nas cores em branco e amarelo. **São as legendas em amarelo que interessam para a realização da tarefa.** Depois de ouvir/ler o trecho em amarelo, você irá escolher uma das alternativas abaixo que você acredita ser verdadeira em relação ao sentido do áudio destacado.

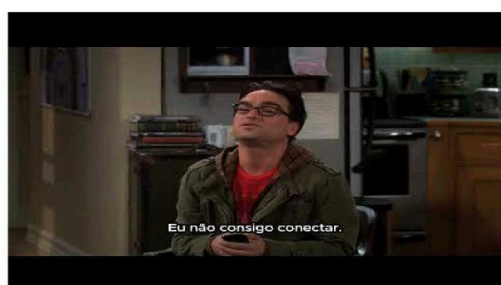
Você pode assistir a cada um dos trechos quantas vezes quiser.

Resumindo, o passo a passo da tarefa é:

1. Assistir ao vídeo;
2. Ouvir/ler o trecho da legenda destacado em amarelo;
3. Escolher uma das alternativas apresentadas.

Pronto(a)? Vamos lá!

### Trecho 01



[v=yklxdtFw48U](http://youtube.com/watch?v=yklxdtFw48U)

[http://youtube.com/watch?](http://youtube.com/watch?v=yklxdtFw48U)

6. No trecho "**O Sheldon mudou a senha**", você acha que... \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sheldon praticou uma ação.
- ☐ Sheldon é apenas o assunto do diálogo.

## Trecho 02



[v=QM9jDBzQNGI](https://www.youtube.com/watch?v=QM9jDBzQNGI)

<http://youtube.com/watch?>

7. No trecho "**O Sheldon ama a Amy**", você acha que... \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sheldon tem uma sensação.
- ☐ Sheldon está praticando uma ação.

## Trecho 03



[v=W5j9vU3SW8M](https://www.youtube.com/watch?v=W5j9vU3SW8M)

<http://youtube.com/watch?>

8. Em "**Cavalo come o bispo na casa cinco**"... \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ A peça de xadrez pratica uma ação.
- ☐ A peça de xadrez é o assunto da conversa.

## Trecho 04



[v=6VESEDtpvtQ](http://youtube.com/watch?v=6VESEDtpvtQ)

[http://youtube.com/watch?](http://youtube.com/watch?v=6VESEDtpvtQ)

9. No trecho "**Os noivos estão felizes**", você acha que os noivos... \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Têm uma sensação.
- ☐ Demonstram um sentimento.

## Trecho 05



[v=9PhKik47hgo](http://youtube.com/watch?v=9PhKik47hgo)

[http://youtube.com/watch?](http://youtube.com/watch?v=9PhKik47hgo)

10. Você acha que a frase "**Um terremoto de magnitude 8,2 devasta Pasadena**"... \*

*Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Demonstra um acontecimento.
- ☐ Aponta uma relação de causa e efeito.